

# A REFORMA.

PROPRIETARIO E REDACTOR—O BACHAREL ANTONIO DE SOUZA RUBIN

ANNO II

As publicações particulares devem vir devidamente responsabilizadas  
Escritorio e redação—Rua da Glória n.º 18

Theresina, 5 de Abril de 1888

Assinaturas—Por anno 8000 para a capital e 10500 para o interior.—Por semestre 5000 para capital e interior.

NUMERO 49

Pagamento adiantado

## EXPEDIENTE.

Fica marcado o prazo de 6 dias para a capital e de 30 para o interior afim de que sejam devolvidos ao escritorio desta redação, rua da gloria n.º 18, os exemplares remetidos aquelles que não se dignarem mais auxiliar a empresa.

Fica tambem estabelecido o mesmo prazo para que os srs. subscriptores em atraso mandem saldar a importancia das suas assignaturas, sob pena de lhes ser suspensa a remessa da «Reforma».

## A REFORMA

25 de março de 1888

Hoje, ha um anno, sahi dos prelos da nossa officina o 1.º numero da «Reforma», cuja bandeira de combate hasteada com desassombro no terreno das idéas e dos principios foi o grito de alarma lançado, em hora solenne e dolorosa, contra os desmandos da auctoridade, a dissolução dos costumes, o desprestigio da lei e o vilipendio das normas administrativas.

O que foi, o que tem sido o nosso jornal no curto periodo da sua existencia, marulhada pelas constantes luctas em que nos temos empenhado e maiores sacrificios feitos, attestam n'os os factos;—o combate tempestuoso e constante por elle travado em prol da victoria abolicionista e das garantias constitucionaes assaltadas todos os dias pelos agentes do poder publico nesta parte do imperio.

Por isso mesmo e mais ainda porque sempre atacamos de frente os acerrimos inimigos da patria, á aquellos que trapaceiam com a honra nacional, banqueteados-se a custa das miserias do proletariado e das lagrimas do escravo, não nos poupamos doestos os defensores assalariados do governo, os eternos roedores do orçamento. As suas injurias cahiram na soleira do nosso lar, mas ficaram felizmente do lado de fora. As suas ameaças chegaram até os nossos typos, mas, alarmada a visinbança da nossa typographia, fugiram espavoridos os snissos pagos para destruil-os.

Nada d'isso atemorizou-nos e já mais atemorizar-nos-ha.

Firme no nosso posto, proseguiremos em yerberar os desmandos da auctoridade absoluta e prevaricadora e a manter em toda sua inte-

gridade as nossas idéas acerca da abolição da escravatura e da federação das provincias.

Na secção das solicitadas terá sempre o povo um campo livre, inteiramente neutro—para os seus escriptos, com os quaes nada temos que ver.

Julgamos melhor servir aos nossos assignantes, dando lhes noticia minuciosa do movimento politico do imperio. Nesse intuito augmentamos o formato da nossa gazeta.

Para ella pedimos novas assignaturas, certos de que a provincia que pensa, que lê e que tem assistido a queda precipitada das liberdades publicas e dos brios da nação, continuará a favorecer uma empresa, que tem por unica assignação—servir com desinteresse e lealdade á causa a que voluntariamente votou-se.

2 de Abril de 1888.

## Derradeira oração funebre.

Quando em crise o gabinete—20 de agosto—declarou o filho do sr. Gomes de Castro que não permaneceria um só instante na presidencia da provincia, se aos conselhos da corda subisse o maior inimigo pessoal e politico de sua familia, o senador Luiz Antonio Vieira da Silva.

O telegrapho transmittio-nos a noticia da entrada do honrado senador para a pasta da marinha, mas o energumeno de pñacio, nada obstante o edificante exemplo dos srs. José Bento e Enéas Torreão, presidentes do Ceará e Maranhão, repoltra-se ainda na cecid administrativa, sempre despótico, felino e voluptuoso como verdadeiro pachá.

Para nós, para todo o homem que sente subir ás faces o rubor do pejo, está acephala a presidencia do Piahy, desde que, como brasileiros, ciosos dos nossos brios, não podemos, nem devemos admitir um só momento a hypothese de continuar a exercer cargo tão importante em invidua que faltou publicamente á sua palavra, que mentio como um vilão a uma população inteira.

Actualmente é o sr. Viveiros de Castro uma exerecencia no palacio do governo, uma nullidade, na expressão rigorosa do termo. O seu nome atiramos á caixa dos autographos envelhecidos pelo pó do esquecimento.

D'ora em diante, se alguma providencia tivermos que pedir, se alguma censura tivermos que fazer, dirigir-nos-emos directamente ao ministerio, que hoje decide dos negocios do paiz. Aos nossos amigos pedimos que procedam do mesmo modo.

Vacuo, vacuo perenne e completo em torno do microscopio automatico. As nossas censuras de todos os dias eram, dizia-o elle proprio, o ar que respirava e mantinha-o. Pois que elle morra a falta de ar—esquecido por todos, execrado soberanamente pelo povo desta terra.

Um resposno pelo seu triste passado administrativo; um outro pela sua tristissima posição actual.

## A nova phase

(Da Gazeta do Norte)

Organizou-se hontem, finalmente, após laboriosa gestação o gabinete do sr. conselheiro João Alfredo. Não lhe conhecemos mais que o pessoal; e já é alguma coisa, para que possamos estudar a psychologia do novo ministerio.

E' preciso dizer que, sob o ponto de vista intellectual, elle é uma verdadeira selecção no partido conservador. Provavelmente mesmo, o actual ministro da marinha, o honrado sr. Vieira da Silva, não se lembara mais da phrase com que tão cruelmente castigou a inopia mental da sua grei, quando disse, em relação ao gabinete demittido, que não suppozera que o seu partido fosse tão pobre de homens.

Certo, o actual gabinete não tem a fortuna de possuir, como o que lhe antecedeu, uma capacidade financeira de tão alto valor como o sr. Francisco Belisari, cujo talento privilegiado, talvez o mais solido da actual geração conservadora, houvera feito excellentes administração das finanças, si as consid-rações partidarias e as condescendencias parlamentares o não tivessem arrastado a tão lamentáveis hesitações e incoherencias. Mas, para dirigir a campanha politica, dispõe o gabinete de nomes illustres, quasi todos laureados nas pugnas parlamentares ou na alta administração; nem mesmo lhe falta, para substituir a aspera chulaga do sr. Colegipe, a fina ironia unctuososa do sr. Ferreira Vianna.

Considerada a organização ministerial em as suas condições extrinsecas, o que, sobre tudo, impressiona é o seu caracter de absoluta hostilidade á politica representada pela primeira phas da situação. O nome do sr. Antonio Prado, por mais que estejamos habituados ás evoluções politicas do precluro paulista, não pode significar outra coisa, nas circunstancias occorrentes, sinão um programma de abolição immediata.

Como que para tornar mais actual e mais solenne o compromisso de s. exc. pela sustentação dessa idéa, coincidiu com os recentes acontecimentos politicos a indicação abolicionista da assemblea provincial de S. Paulo. E o sr. Prado é, sem duvida alguma, o elemento preponderante do ministerio. Elle não se mesmo ao cuidado de tornar isto bem claro deixando uma pasta ao seu alter ego, o sr. Rodrigo Silva, cuja conservação parece indicar que para a retirada do gabinete 20 de agosto influiram tambem dissensões internas.

Outro traço que accentua a linha divisoria entre os dous gabinetes é o nome do sr. Ferreira Vianna. Foi, sem duvida a convicção da necessidade de expiar as culpas do seu partido, que com tanta eloquencia condemnou a, o que levou o eminentemente orador a participar da responsabilidade por um acto de soberania da coroa, associando-se a uma organização ministerial extra-parlamentar, elle, o mais zeloso prepugnador das prerogativas da camara dos deputados. Elle significa ainda mais do que a condemnação de um ministerio: a transformação de um reinado. Aquelle, que ha poucos mezes, com os accentos solennes da sua palavra magica, fez os aduses da patria ao Imperador docente, devia ser o Smaet que viesse derramar o oleo sagrado na frente da nova realza. Nem nos surprehende vel-o distanciar-se do seu inseparavel amigo, Andrade Figuei-

va, para collaborar na politica da contra-reacção: da umbella silenciosa ouvio a bengam do Santo Padre sobre emancipação dos escravos e viu arvorados os baculos episcopaes á frente da cruzada liberta tora; um raio de luz divina penetrou-lhe o crebro meditativo; e a graça de Deus perdoou-lhe o muito que peccou, na lucta contra o gabinete Rio-Branco. Foi a bengam do Papa que o fez ministro: elle é o ministro do Jubileu.

Alem dos nomes de alguns dos ministros, a propria forma porque está organizado o ministerio em relação á camara dos deputados mostra o antagonismo dos 2 gabinetes.

Parece mesmo que elle nem se apercebeu da existencia da actual camara. Alem de se dar a superioridade, na sua composição numerica, ao ramo vitalicio, os ministros não foram escolhidos, como succede nas organizações parlamentares, attendendo-se ao numero de adhesões e de votos de que elles possam dispor. Excepto feita do sr. J. Alfredo, que é chefe de um grupo, e do sr. Antonio Prado, que pode contar com a deputação paulista, todos os outros ministros só valem por si.

Não houve mesmo a preocupação de garantir-se o apoio dos representantes das provincias que costumam preponderar na direcção politica, como Bahia, Minas, Rio Grande do Sul. Ainda mais, não houve hesitação em ser convidado para uma pasta um inimigo pessoal do presidente da camara e seu adversario intransigente, o sr. Vieira da Silva.

Até parece que o ministerio formou-se tendo em vista a dissolução da camara.

O que destes factos pode-se concluir é que a organização do novo gabinete foi uma organização desorganizada. Elle vai abrir lucta com parte numerosa e forte do partido conservador.

Com tantos elementos de fraqueza curta será a existencia do gabinete. Mas será o bastante para transformar a escola da reacção, e tornar mais fortes, mais avultadas e mais cohesas as forças liberas do paiz.

## PAGINA CONSERVADORA

### O sr. dr. Viveiros de Castro.

No «Epoca» do 17 do mez findo o sr. dr. Viveiros de Castro começa o seu editorial com os seguintes periodos, que assignalam o homem das correrias da *gruta dos Remedios*, pelo estylo, segundo escriptor de nota:

«Depois de haver rompido com o digno presidente da provincia sem razão plausivel, como demonstramos no artigo anterior, procura o sr. dr. Coelho de Rezende captar as sympathias das almas generosas, sempre favoraveis á causa do infortunio, fingindo-se victima de uma reacção furiosa em seu districto.

«Outro adversario, que presasse a sua posição e tivesse escrupulos de faltar á verdade, não recorreria a semelhante meio. Mas o sr. dr. Rezende que não hesita um só momento em mentir, quando isso lhe convém, não considerará impedimento aos seus fins as leis da honra, não trepida em affirmar sob a responsabilidade do seu nome, que se para o paiz nada vale ao menos por s. exc. de-

via ser respeitado, estar o presidente da provincia demittido honestos funcionarios pelo unico crime de terem votado em s. exc. na eleição ultimamente procedida.»

Educado no seminario, assignante obrigado da gruta, o sr. dr. Viveiros de Castro não podia ser senão o que é,—um ente abandonado, escrevendo nos termos aprendidos na boa companhia que o fez notado entre os seus associados.

Pela experiencia sabemos que o filho do sr. conselheiro Gomes de Castro não é homem que carregue com a responsabilidade dos seus actos.

Outro que não elle teria a coragem de confessar as demissões accintosas com que ha fulminado os seguintes funcionarios, conservadores de crenças, empregados honestissimos, que tiveram aos olhos do sr. dr. Viveiros de Castro o imperdoavel peccado de seguir a boa ou má sorte do nosso collega dr. Coelho de Rezende:

Antonio de Freitas e Silva, adjunto do promotor publico das Barras;

Raimundo Mendes da Rocha Medeiros, honrado, intelligente e brioso promotor publico de Pedro 2.º;

D. Joseph Ferreira Vianna, agente do correio de Pedro 2.º;

Manoel Luiz Fenelon, ajudante da mesma;

Capitão Francisco Rodrigues Monteiro, collector de Campo-maior;

Capitão Agostinho da Silva Mello, collector da Batalha;

Capitão Antonio Rodrigues de Carvalho, escripto do mesmo;

Laurentino Henrique da Silva Sumé, carcereiro da Parnahyba;

José Joaquim de Moraes, phareiro da Pedra do Sal;

Capitão Alfredo Pedreira, 1.º supplente do delegado de policia daquela cidade;

Tenente José Euzébio de Carvalho, delegado de policia de Pedro 2.º;

O sargento de policia Fausto, protegido do chefe conservador de Marvão;

Raimundo V. da R. Tote, demittido do logar de Official de descarga da Alfandega da Parnahyba, á instancias suas em reservados infamantes, e o capitão José Thomaz Coelho Bastos, retirado da mesma Alfandega pelo mesmo systema, e se mais não tem feito, a culpa não é sua, porem sim do Ministro que fez ouvidos do mercador.

A esta lista de conservadores e honestos funcionarios demittidos, accrescente-se a sanfarronada que em nome desse arlequin de penacho fez o centro-onça, servindo-se do gallego Felix Dias, quando of-

verecen a chefia do partido conservador de Peripery a diversos, assim como quem dispõe de *res nullius*—em beneficio do primeiro occupante, e chegaremos à evidência de que o *soldadinho de chumbo* das pandegas do alludido centro não podia levar mais longe sua reacção contra os elementos conservadores de que dispõe o nosso collega dr. Coelho de Rezende no 2.º districto.

Quatorze victimas do furor felino do centro-onça, do chefão e do servilismo desse pobre menino que tem descido tanto, como não poderia mais descer na posição de presidente de provincia o maior toupeira que tal cargo occupasse.

Como levar mais adiante a derribada, se o famoso Lyra já não tem onde respigar?

Poucos, muito poucos, restam à ceifa, e esses mesmos aguardam sua vez, que chegará quando o inspector do thesouro tiver de ceder ás inspirações do chefão, seu cunhado, o mata-mouros desta nova feitoria.

O *ridiculus mus* não fere de frente.

Os cobardes recorrem sempre aos testas de ferro. E' o que faz o nosso arlequin, que não tem a precisa coragem e hombridade de acarretar com o odioso de seus actos.

Parece opportuno fazer aqui as reflexões que o procedimento do centro-onça, e especialmente o do inspector do thesouro provincial, desperta a proposito da direcção dada á politica conservadora do Piahy.

Os homens politicos do nosso paiz, por via de regra, primam pela incoherencia.

Dizia-se q' o partido liberal Piahyense tinha um chefe que traçara em torno de si um circulo, onde estavam circumscriptas suas affeições politicas, além das quaes não era licita qualquer aspiração. Este systema politico, que importa o mais ferrenho exclusivismo, soffreu rudes golpes dos conservadores que desejavam ver salientarem-se nas lutas politicas os patriotas; isto é, aquelles dos seus concidadãos que mais recommendavam se á estima e consideração publica pelos seus relevantes serviços, pela sua dedicação á republica e pela firmeza do seu caracter, implantando na provincia uma politica de vistas largas e generosas.

No entanto, chegada a vez dos conservadores, os membros desse partido, a quem cabe actualmente a responsabilidade inteira do poder, porque têm em suas mãos todos os actos do *manegum* que do governo só tem a responsabilidade legal, procedem, não como o chefe liberal, que ameniza o rigor do seu exclusivismo fazendo latas concessões aos amigos, que não podem aspirar tudo; mas como feras esfaimadas, ou antes, como a cascavel, que devora os filhos ao nascerem!

O circulo de ferro dos conservadores é muito mais estreito, assediado de fossos e morteiros, que o fazem impenetravel áquelles que ahí tentam abrir brecha sem o *passe do—el supremo!*

E é assim que uma influencia medonha, por ser insupportavel, quer acabar com a influencia per-

niciosa daquelle que ella combatte, excedendo-o!

Voltando ao nosso assumpto, diremos não ser verdade que o sr. Viveiros de Castro deixe de ser o responsavel, como o diz, pela demissão do official de descarga Raimundo Tote, dada pelo Ministro da Fazenda, conselheiro Francisco Belizario, a quem deixamos de censurar, diz egualmente s. exc., porque o patriótico gabinete de 20 de agosto estava ainda na gerencia dos negocios publicos.

Não podiamos censurar o Ministro, que foi victima da perfidia do sr. Viveiros de Castro.

S. exc., que sempre conspira nas trevas, teceu nas dobras de um reservado monstruoso enredo perante o Ministro, conseguindo por esse meio os seus desejados fins.

O systema dos reservados, deixando a victima indefesa, produz sempre optimos resultados.

Consequentemente, se muitos outros amigos nossos, perseguidos e infamados por s. exc., escaparam á degola, foi naturalmente porque o Ministro poude comprehender, já tarde é verdade, q' tratava com um montecapto, um discredito individual, elevado ao emprego de presidente de provincia pela grande virtude de ser filho de seu pae.

Quem é ruim não quer ser só, por isso o Lyra de palacio reputa-nos eguaes a si.

No entretanto aqui mesmo podemos provar a esse bobo e destructavel D. Juan que nós não possuímos o medo de censura ao conselheiro Belizario, por quanto, quando o exm. pimpolho dimittiu o collecter de Campo-maior e annunciou que o dr. Coelho Rodrigues havia conseguido afastar do logar de 1.º escriptorario da Alfandega da Parnahyba o nosso importante amigo capitão José Thomaz Coelho Bastos, nós, indignados com o procedimento do microscopico *repolho* e do dr. Coelho Rodrigues, tivemos de passar ao sr. Barão da Cotegipe o seguinte telegramma, que pôde ser verificado na estação competente sob permissão nossa, que desde já concedemos a quem a queira:

«Continua reacção contra meus amigos, começando Ministro da Fazenda, dirigido dr. Coelho Rodrigues.»

Vê o exm. Lyra que não temos medo do Conselheiro Francisco Belizario.

Não nos faça, pois, a injustiça de comparar-nos a si, o mais futil e ridiculo dos presidentes, tão cobarde e traçoeiro, quanto cabrestreiro e necessitado de pundo-nor; que fere, amparado em *testas de ferro*, a conservadores briosos, funcionarios distinctissimos; ao passo que, liliputiano como o é em tudo, jaz prostrado aos pés do Conselheiro Vieira da Silva, recebendo a *esmola de sete centos e cincoenta mil reis mensaes e a graça inapreciavel para si* de ingerir por alguns dias mais no seu infartavel estomago esses *pu-dins* que são o preço do seu vilipendio!!

Alludiu o sr. Viveiros de Castro a não sei que *solidariedade de honra* que tinhamos com o sr. Conselheiro Francisco Belizario.

A degradação do homunculo de palacio deixou perceber a posse de algum segredo nosso, contido nas cartas que de sua ordem nos foram subtrahidas do correio!

Oh! indignidade sem nome!  
Oh! incrível prevaricação!

Como já dissemos, perdoamos o roubo, com tanto que s. exc. publique a materia da *solidariedade de honra*.

Publique e verá que tracta com quem tem a coragem dos seus actos.

Seu *Castrito*, não conservamos amizade com o sacrificio dos nossos deveres.

Por maior que seja a consideração que nos mereça o sr. conselheiro Francisco Belizario, essa consideração é nenhuma desde que s. exc. faz-nos a guerra na pessoa dos nossos amigos.

Diz tambem o sr. dr. Viveiros Castro que a sua reacção limitou-se a demittir quatro ou cinco empregados publicos.

Mentira como se vê da lista retro; mas quando assim fosse, quatro ou cinco amigos, dois, ou mesmo um só, dimittido por imposição do centro e picardia ao nosso collega dr. Coelho de Rezende, seria motivo mais que sufficiente para rompermos com sua desastrada administração.

Comprehendemos perfeitamente o seu desejo, igual ao de Caligula; isto é, quereria sem duvida que os nossos amigos tivessem uma só cabeça para ser decepada de um só golpe.

Pretende o cobarde *instrumento* justificar a demissão do promotor publico de Pedro 2.º com a nomeação do bacharel que o substituiu.

E' mais uma gymnastica do trefego palhaço do *chefão*, que não pôde attingir o fim almejado, depois da publicação da carta do expromotor que trouxe á luz da publicidade a cabala infernal do caricato mandarin, manivella impudente do *chefão*.

Por ventura o bacharel solicitou á s. exc. ou a quem quer que fosse, a promotoria de Pedro 2.º?

Si não a solicitou, como pode adinhar que essa promotoria lhe convinha com sacrificio do respectivo funcionario, que servia bem?

E' por ventura natural a innocencia desse *judas* que presidiu a demissão de um promotor publico, que havia dito ás suas bochechas não o acompanhar na trama infernal que o *centro-onça* consigo movia-nos?

Pois entre 9 promotores leigos, tantos quantos possuem as dezeseite comarcas da provincia, somente o de Pedro 2.º, o brioso e independente funcionario que, como todos o sabem, repelliu a infamissima proposta de tração, foi julgado digno de uma demissão sem motivo?

Se s. exc. queria dar promotoria a quem não lh'a pedia, por q' não demittiu o promotor publico de Piracuruca, que, alem de leigo, não reside na cabeça da comarca contra expressa determinação da lei, e é um cabo de guerra medonho, chefe de partido na Batalha & c'?

Porque não demittiu o traidor Antonio Lopes, que tem a *sans facon* de abandonar a comarca e ir ao Maranhão sob consenno reservado do *chefão*, e por consequente de s. exc. q' fez ouvido de mercador quando denunciou-se o facto?

Diz ainda o nosso *bobo de entremez* que quando o nosso amigo dr. Coelho de Rezende poder nomear e demittir presidente, os nossos amigos serão poupados; mas por ora não, porque temos homem.

Não ha nada mais ridiculo do que as fanfarronadas do mais baixo dos titeres, cabrestreiro como o

mais docil carneiro de menino!

Fique sabendo que não ha gloria em puchal-o pela redea. Qualquer prato de bolo fal-o assignar de cruz os mais desastrados desacertos.

Continuando, acrescenta ainda o nosso bonequinho de chumbo:

«No correr dos seus artigos entendeu o sr. dr. Coelho de Rezende que devia insultar o exm sr. conselheiro Gomes de Castro.

«O projecto parlamentar Maranhense não precisa de uma só palavra em sua defesa, sendo atacado por gente da laia do sr. dr. Coelho de Rezende. Provoca apenas o riso, como o ultimo exemplo de vaidade burlesca, ver um cidadão, que tão distincto logar occupa entre os homens mais eminentes do paiz, ser atacado por um papalvo, que nem sabe respeitar a posição que tão iadignamente occupa.»

Pobre idiota!  
A sua mania é elogiar a si e ao proprio pae sob a responsabilidade da politica anonyma.

Em que consistiu, impudente mentiroso, os insultos do nosso collega ao *projecto parlamentar*?

Onde estão elles escripto?  
Mente que já não se sente!

Seria melhor que s. exc. *barria*, em vez de estar ali a inventar factos com o fim de exaltar o merecimento do autor de seus dias, seguisse os seus conselhos, tomando o caminho de Caxias, cessando, portanto, de continuar a *inficionar* uma cadeira q' já não lhe pertence, segundo os preceitos dos sentimentos da honra, *anestheados* por s. exc..

Concluiu a figura de entremez sua algaravia com a historia dos elephantes que protegem os seus mortos, *reliquias sagradas!*

Quando o pobre animal se começou a narrar a historia dos elephantes, supozemos que elle queria classificar-se na familia mnar das zebras, formosos *burricos* africanos um pouco maiores do que o *burrico* do menino de José Alexandre, mas, oh! idiotismo impagavel, falou dos elephantes para provar que suas ossadas, constituindo *reliquias sagradas* (*vade retro!*) demonstram que os mortos (*os homens!*) estão eternamente velados pelo sepulchro!

Se os homens deveressem ser velados pelo sepulchro, diz um escriptor, ninguém poderia ler o seu futuro nos louvores que Plutarcho dispensa á virtude e na infamia com que Tacito estigmatiza o vicio.

Pois que! esse bobo ignora que a historia nos ensina a nada desprezar e a nada *idolatrar*?

Se o sepulchro devesse velar os crimes e os erros dos homens, a vida dos tyrannos, dos Tiberios, dos Neros e dos Caligulas, assim como as acções heroicas, as virtudes dos martyres &, nos seriam desconhecidas. Emfim, a historia deixaria de ser uma sciencia utilissima, para ser uma mentira, desde que occultava ás gerações que passam a parte mais importante da vida dos nossos antepassados, justamente aquella que deve ser conhecida, para ser evitada, por conter os erros e os crimes dos homens. Por isso diz Cezar Cantu:

«Se o espectáculo da humanidade se apresentar a nossos olhos sobre uma tela, cuja variedade dá ao estylo animação e colorido, e cuja grandeza lhe comunica magestade; se o historiador, possuido de que é o interprete dos factos, narrar aos seus contempo-

rneos, com singela e respeitosa dignidade, as glorias, as desgraças, os crimes, e as virtudes de nossos antepassados; se por entre os obstaculos da ignorancia, da vaidade, da tyrannia, seguir os progressos da civilização com o amor, e com a franqueza da razão, fugindo tanto do sarcasmo impio, como da credulidade superstitiosa; se ousar, desagradar aos vivos, e arrastar com as paixões ou com o desleixo dos contemporaneos, sem nunca admitir a mentira, posto que util, nem occultar a verdade, que faz perder os amigos e adquirir adversarios ardentes, quão sublimes gozos, e quanta instrução social não poderá elle dahi fazer brotar!

Do exposto vê-se que o *Cicero* anitaria mais acertado applicando a actividade do *catita* escriptor á arte de requisitar ao ar livre, *recitando em secco*, do que á defesa da memoria dos mortos de que o exm. caturra não tem a minima ideia.

Sr. *Castrito*, nem tudo é para todos. Exemplo: A vergonha é um dos attributos da humanidade, distribuidos com grande parcimonia.

Na phrase sertaneja, s. exc. está a pé de . . . . ., isto é, está baldado ao naipe.

Com effeito, não ha quem o veja continuar nessa cadeira, sem possuir-se, pelo menos, de commiserção pelo filho do *projecto parlamentar* que tem nos conselhos da coroa o seu maior inimigo.

No entretanto s. exc., fazendo-se desentendido (*cara-dura*) continúa delegado do conselheiro Luiz Antonio Vieira da Silva!

Este pobre moço necessitado de tanto *cousa*, anda a diffamar áquelle a quem os seus bôtes apenas provocam um riso de desprezo?

E' de mais!  
Velemos o rosto!

### Partida de leão e parada de sendeiro

Quando o telegrapho transmitiu-nos a queda do gabinete de 20 de agosto, o *pequeno*, o filho dilecto do sr. Comes de Castro, acabava de ingerir no esophago *copiosa*, enorme mesmo, *partada* de bolos e dava-se a *desfructe* no meio de selecta companhia de travessas bellidades.

Um dos convivas lembrou-se que o conselheiro Vieira da Silva podia fazer parte do novo ministerio.

O nosso eterno *adonis*, sempre presunido e pedante, suppondo que o *projecto parlamentar* é o unico a dar leis ao mundo, disse, largando das largas bochechas bafuradas de fumo de um havana de 200\$ sr. a caixa: Não pense em tal. Mas, retorquiram-lhe—: Pode acontecer sem ser milagre.

—Não admitto a hypothese, diz o *bobo léleo*, mas se apezar de minhas previsões tal acontecesse, immediatamente passaria a administração da provincia ao Dr. Licinio, seguindo após para o Maranhão.

Para castigo do enfatuado fedelho o Conselheiro Luiz Antonio V. da Silva fez parte do novo gabinete olhe o nosso leviano, ridiculo e pedante governador em papos de aranha, elle que havia em numerosa reunião declarado passar a administração ao 1.º Vice-presidente mesmo sem audiência do *projecto parlamentar*, á quem nunca mais ouviu desde que entrou para a vida publica!

Pois bem; os cobres e a companhia das bellas, tiveram mais imperio no animo do fedelho do que as baforadas de dignidade, soltas em hora de exaltação amorosa, e o nosso microbio animal-jo continua na administração como senuncia commettera aquella leviana *disparada!*

Fez mais; envergonhado talvez perante aquellos q' habitaram-se a dominal-o com o encrespamento de sobrececho, diz que ficou, por que consultando ao *profecto parlamentari*, elle disse—*fique!*

*Arcades ambo!*  
Se tanta bravata, se tão burlesco assomo de dignidade devia dar nisso, não havia myster a consulta do *profecto*.

O *Cicero* e o *Chefão* abistavam a decidirem a delenda com o *admiravel bom senso* que os *distingue*. Ao menos por conselhos destes *ficaria*, evitando a consulta ao *profecto*, a quem o animal-jo habitara-se a *deixar de ouvir desde que entrou para a vida publica!!!*

E nada obstante, ainda ha quem *amasse bolo* para o miseru instrumento do *Chefão*?!  
Elle ha de sahir brevemente! porem a *pontapés*, como nos dirá o futuro.

Aquella *baforada da noite do telegramma*, ficou sendo o que costuma chamar-se: *Partida de leão e parada de sendeiro*.

**Declaração necessaria.**

Devotado sectario do partido conservador, é sempre para mim occasião de grande contentamento, quando tenho de prestar qualquer serviço a meu partido, especialmente nesta localidade, onde tenho minha residencia.

Com a aurora do memoravel dia 26 de Agosto de 1885, quando o Veneravel Barão de Cotegipe, tomou a sua carga a gerencia dos negocios do Paiz, quando em todo o Imperio, até então em aniquilamento, se procurou tudo reformar ou para melhor dizer coordenar, fui indigitado por meus amigos para exercer o cargo de delegado de policia desta villa, como tem acontecido.

No exercicio desse cargo, diz-me a consciencia, que tenho bem me conduzido, servindo a meu partido, sem ser injusto com meus adversarios, e a prova está, que nunca soffri accusações.

Exercia, pois, com satisfação este lugar, porque não dispunha de melhor meio, para servir a minha politica.

Tive a ventura de ver meu partido por mais de 2 annos ser feliz e progredir.

Como prova, tenhamos a ultima eleição geral.

As lutas, quando surgão, erão no terreno legal—com o adversario commum—e nunca na liza aviltante dos bordéis.

Hoje uma nuvem negra entenebrece a marcha do partido conservador desta provincia, e seu futuro é contristador!

Os ultimos acontecimentos aos olhos de todos me demoverão a pedir minha exoneração como já o fiz do mez passado para cá 2 vezes, visto não me convir exercer actualmente o cargo de delegado de policia; e, como não me fosse ainda concedida, venho fazer pela imprensa a declaração de que me considero exonerado do referi-

rido cargo; já tenho passado o exercicio a meu substituto legal, como tudo communiquei a s. exc. o sr. presidente da provincia.

Os meus amigos, que conhecem as razões que me demoverão a este passo, sabem que sempre estou alerta e prompto para os dias de combate.

Peço-lhe, sr. Redactor, a publicação destas linhas, pelas quaes sou responsavel.

Marvão, 16 de Março de 1888.

José Constantino Pinheiro.

**Mais uma levianidade por terra.**

Consta que o sr. José Francisco de palacio, propalára que, dada a hypothese da demissão do sr. José Bento, presidente do Maranhão, com a ordem de ficar até a chegada do substituto, o sr. Viveiros de Castro, tio, immediatamente deixaria de ser o 1º Vice-presidente daquela provincia. A Paçolita de 14 do mez findo noticia que o sr. José Bento foi demittido, ficando na presidencia até 2ª ordem.

Quizeramos saber, se não é indiscrição nossa, se o sr. Viveiros de Castro já solicitou e obteve sua demissão daquelle cargo?

Queremos tirar a limpo mais uma hespanholada do palhaço que vive a arrotar entre nós postas de cavalla, quando come bacalhau com feijão. E' preciso que todas as truancias desse impostor caíam no dominio publico, dissecadas pelo escalpello da analyse para que elle não acredite que somos tão benicos que engulimos araras com pennas.

A nobreza dos Viveiros, ao que parece, não é brilhante de primeira agua. Pelo menos a vergonhea que nos coube, está brocada pelo bicho.

**Outro chefão.**

Batalha tambem possui um *chefão*, sobrinho do sol e neto da lua; um *manda-chuuz* de força de 600 cavallos. E' o sr. tenente coronel José Florindo de Castro, promotor publico da comarca de Piracuruca, residente naquella terra, onde põe e dispõe assim a modo dos capitães generaes dos tempos coloniaes. Desejando vel-o maior do que já é, vamos recommendal-o ao exm. Iaponio, feitor do *chefão* centralista.

Depois de haver demittido o nosso amigo capitão Agostinho de Mello, do lugar de collecter, acaba de obter do *Lyr*, por intermedio do *chefão* daqui, a demissão do escrivão da collectoria, capitão Antonio Rodrigues de Carvalho.

Até aqui nada ha a extranhar, porque os demittidos tiveram o arrojo de votar no nosso collega, dr. Coelho de Rezende.

O que, porem, deve muito recommendal-o á estima do *Repolho* é o seguinte, que torna patente o *genio* politico do novo *Gallias*. Nomeado o capitão Servulo Gomes de Castro collecter, o *chefão* de lá, sabendo que o capitão Carvalho, collecter interino, estava ausente da villa em diligencia, mandou o sr. Servulo fazer um requerimento ao dito collecter, pedindo por certidão qualquer cousa, e sob o fundamento da collectoria estar acephala, o mesmo Servulo dirigiu-se por petição ao presidente da camara municipal, Antonio Fortes de Sá

Menezes, *genro do dito chefão*, pedindo a nomeação de um collecter, o qual promptamente nomeou collecter interino ao orphão Domingos da Silva Machado, cunhado de Servulo e tutelado de José Florindo!

Veja o publico e o governo geral se em tempo algum esta provincia passou por uma anarchia administrativa igual a actual.

Qualquer individuo, um presidente de camara, por exemplo, nomeia e demitte um collecter de rendas provinciaes.

O individuo, que entre nós occupa a cadeira da presidencia, é um rei de pau, ou melhor, um *dous de pau*, pulando fóra, sempre que algum dos dominadores apraz-se usurpar-lhe as attribuições!

Tudo é cabo nesta terra, porque o miseru *pixote* satisfaz-se com pouco: *bolos e sete e meio com as damas!*

Attenda o honrado sr. ministro do Imperio para o desprestigio a que se acha reduzida a administração desta provincia, onde o rei de direito faz a figura do primeiro rei das rans?

Hoje, mais que nunca, jaz humilhado, abatido, procurando esquecer em *diversões de toda especie* a certeza da perda de um cargo que proporcionava lhe gosos de toda a natureza.

Elle sabe que é um instrumento imprestavel, rombo, que vai ser arremessado a um canto, onde terá de enferrujar por muito tempo, por isso, fazendo de *cara-du-ra*, continua presidente.

*Pro pudor!*

**Dizem os meninos:**

Que, por occasião da trasladação da imagem do Senhor dos Passos da Igreja do Amparo para a das Dores, ao principiar uma marcha funebre, o *Campello* disse ao Commandante Nelson—*Oh! Nelson, como assim, se o Castriço ainda não morreu!?*...

Que, ao passar o sequito religioso por baixo das arvores que ficam em frente ao Thesouro provincial, disséra s. exc. cara de mamão macho, referindo-se as gotas pluviaes que cahiam das folhas, que estava receioso dos pingos dos pães, que vinhão por cima!

Que, sem saber o que fizesse, ora s. exc. fechava o chapéu de sol, ora abria, ora o entregava ao ordenança, ora o tomava...

Que, ao passar por certa porta duvidosa á rua «Bella», s. exc. iéz uma caréta que lhe foi correspondida.

Que alguém achou a cara de s. exc. muito parecida com a do João, "doido".

Que, por occasião do recolhimento da procissão do Senhor dos Passos, s. exc. o cara dura, querendo reproduzir o que havia dito o pregador, mandara que todas as moças chorassem.

Que, por essa mesma occasião, ao vêr o Santo sudario, apresentado ao povo pelo padre, s. exc. o cotó veileiro, fazendo-se de palhaço de circo, disséra—*O Christo está tão magrinho!*

Que o mesmo *cujo bigorilhas*, ouvindo a opinião de que o Conselheiro Vieira da Silva fazia parte do novo ministerio, exclamára com ar de quem tem vergonha:

*Si fizer, immediatamente passarei a administração ao dr. Licinio.*

Que alguém observando-lhe que não deveria dar semelhante passo sem previamente ouvir ao papá, elle respondera: *depois que entrei para a vida publica acostumei-me a deliberar por mim mesmo (puff!)*

Que verificando-se a hypothese, com que sua estulticia não contava, o *barbaosinho* murchou o nobre entusiasmo como a folha verde arremessada pelo tufo a solo ingrato!

Que alguém, fazendo-se decentendo, perguntou-lhe se aquella *fanfarronada, proferida diante das moças e dos bolos*, fóra só para *inglez ver?*...

Que o exm. *Lyr* respondera—*Papá mandou-me ficar para bem do centro!*

Que a exc. *fedelho* mandou destrubair em *letras garrafas* um *boletim* contendo o telegramma em que por etiqueta o ministerio recusou sua demissão, *solicitada ao presidente do conselho*, a quem havia *felicitado!*

Que as saudades dos *bolos*, do *sete e meio com as damas* e do *lundú* ao luar, sopitaram os impulsos da honra e a *hespanholada do—passarei immediatamente!*...

Que o *Sancho* e o *Christiano* comedores de *bolos* á *tripa franca*, prometteram um *terço* a S. Benedicto, para que a *passaiata* continue.

Que o *cujo Christiano* sabendo achar-se nesta cidade um pelotiqueiro que faz as *mulheres porem*, esfregou as mãos de contente, dizendo—*agora sim não haverá mais falta de ovos para os bolos!*...

Que o *cujo* dito referido *Chico Repollo* achá-se possuido do maior contentamento, porque o dr. Clodoaldo, (diz elle!) prometteu deixal-o insepulto!

Que alguém ao saber de uma tal satisfação disséra—*tão moço e já tão corrompido!*

Que s. exc. está agora com honras de bardo, cantando *lundús* ás dez horas, em certa porta, sem acompanhamento

Que, não obstante ser expressamente prohibido o jogo, como prejudicial á sociedade, s. exc. está introduzindo esse uso pernicioso em certas casas de familias nesta cidade.

Que alguém já disse—*queira Deus que s. exc. não acabe como o Giló!*...

Que na procissão do Senhor-morto, sexta feira santa, s. exc. o marca de juda, por occasião de occupar um dos varões do pallio, disse a *alguem*: *Eu vou no pallio, vá para debaixo, bem junto a mim.*

Que estão cantando, agora, ao som da viola, as seguinte quadras:

« Repollo cria vergonha,  
Não sejas tão deshriado,  
Procura o romo de casa,  
Larga o maldicto sobrado.

« Te lembra que la deixaste  
Um velho pae extremoso,  
Que tem sentido deveras,  
Ter um filho tão leproso.

« Forte mazella, meu Deus!  
És pior que o sarampão,  
Que o catarrho, que a maligna,  
Que a maldicta congestão!...

« Credo, cruces, l'arrenego,  
Pé de pato, tentação;  
Deixa esta terra infeliz  
Procura o teu Maranhão.

« Vae-te com todos os diabos  
P'ras profundas do inferno,  
Servires de castiçal  
P'ra mesa do negro averno. »  
Jeremias

**Theodoro Monteiro da Cunha.**

A respeito deste nosso estimado comprovinciano e amigo particular, residente em Manaus, de mos no n.º 1502 do «*Journal de Amazonas*» de 25 de fevereiro ultimo o seguinte que muito nos li-songeeou:

DOCUMENTO HONROSO.—Em seguida inserimos um documento bastante honroso para o nosso amigo sr. Theodoro Monteiro da Cunha, que ha poucos dias deixou o commando do destacamento da villa de Manicoré, onde tambem exercia o cargo de delegado de policia.

Sabe de valor essa manifestação, porque é firmada por commerciantes estrangeiros ali estabelecidos, os quaes não são levados por paixão ou odio partidario.

Eis o documento:  
Nós abaixo assignados vimos render homenagem ao empregado publico que, guiando-se pela bus-sola do dever, procurou distribuir justiça a todos tratando aos que o procuravão com *lhanesa* e urbanidade, com o que cumpri-mos um dever.

com o que cumpri-mos um dever.

Fallamos do sr. alferes Theodoro Monteiro da Cunha, que no curto periodo que esteve entre nós exercendo o honroso cargo de delegado de policia, portou-se lhanavelmente e como um distinto cavalheiro que é. Os serviços prestados á causa publica, a garantia que todos tinham e a confiança que depositavamos na autoridade, que a par da energia, caminhava a *moderação*; nos deixa o maior sentimento por sua tão pequena estada nesta villa.

Receba, pois, o sr. alferes nossas saudosas despedidas.

Manicoré, 7 de Fevereiro de 88.

Suaes Serfaty & C.  
Guilherme S. Soares  
Salomon Levy  
Moyses S. Faracha  
Leão Nazares  
Rubim A. Faracha  
Salomão José Benjô  
Jacob Levy  
Moyses Cohim  
Fortunato Izaac Cohim  
Benedicto Cohim.

**Escrevem-nos da Batalha:**

«Antes de hontem (14 do mez findo) foi espancado e ferido na cabeça em plena villa o cidadão Francisco Mauricio Porto, por Marianno Vianna Damasceno, genro do sr. capitão Saturnino de Souza Castro, ficando impune, e mesmo sem verificação o facto delictuoso, porque, como sabe, este é gente do delegado e do promotor publico, José Florindo de Castro, que poz os soldados ás ordens dos *cacelistas*. Hontem á tarde achando-me em casa de residencia do sr. José Florindo de Oliveira Lopes, em companhia do cidadão Antonio Rodrigues de Carvalho, foi este agredido pelo mesmo Marianno Vianna, e deixou de ser victima do cacete do estimulado facinora, graças a intervenção e energia do cidadão Altino Lopes Duarte. A' noite fui ainda Marianno Vianna á casa de uma pobre mulher, cuja porta tentou forçar no intuito de esbordoal-a, mallogrando-se o seu intuito, porque a victima segurou bem a porta.

«Levo estes factos ao conhecimento do publico, não porq' espere do tal *Castriço* providencia alguma, desde q' o espancador obra de accordo ou, pelo menos, sob o tacito consentimento das autoridades, promotor publico de Piracuruca, aqui residente (!!!) e delegado de policia do termo; mas para que o honrado chefe de policia mande syndicar dos mesmos, que serão disfarçados, innocentando-se o *Ferra-braz* desta terra.

«Queremos ao menos ver que elles têm o incommodo de responder ao superior as informações pedidas.»

Ao illustre sr. dr. Licinio fazemos nossos os pedidos do nosso informante da Batalha, e seremos satisfeitos que s. s. faça conter o *protegido* desordeiro Marianno Vianna.

Nada de pactuar com o crime e com o delegado prevaricador.

**A ilha de Fernando de Noronha.**

Recebemos um exemplar da—*Noticia Historica, Geographica e Economica*—desta ilha pelo dr. Francisco Augusto

Pereira da Costa, ex-secretario do governo desta provincia, e autor de diversos trabalhos litterarios e scientificos, onde se acham colleccionados todas as noticias e dados officiaes relativos a Ilha mencionada, desde o seu descobrimento até os nossos dias, paciente e acurado trabalho, digno maiores encomias.

SOLLICITADAS

FAZENDAS DO PIAUHY.

O Sr. Dr. Pedro de Barros perde o seu tempo a discutir questoes de rubalica com o Sr. Dr. A. Coelho Rodrigues, de todos os filhos do Piahy aquelle que sempre mais se distinguio pelos impetus para a briga, o que alias é publico e notorio.

Ninguem o excedera nunca no genio pirraçento, rançoso, vingativo, armador de pendencias, arrematador de odiosidades, etc, etc.

Ainda pequeno, brigou com a ama de leite, e por pirraça teve a habilidade de não crescer, para brigar com quem o castigara por desobediencia.

Chegado á idade da razão (?) brigou com todos os seus parentes, e por pirraça ainda mudou de nome: de Antonio de Souza Martins passou a chamar-se A. Coelho Rodrigues. Achando tambem que a transformação não era completa, brigou com o velho condutor de Jacós, padre Bartholomeu, porque nos assentamentos de baptismo não lhe quiz substituir o nome de Antonio pelo de Napoleão Bonaparte, o que é muito sabido em todo o Piahy.

Não encontrando mais com quem brigar no Piahy, brigou com a propria provincia e de lá raspu-se para Pernambuco, onde depois de ter brigado com meio mundo, mettu-se em um convento, com cujos frades varias vezes teve vontade de brigar, segundo elle mesmo conta.

Formado em direito e querendo metter-se na vida politica, brigou, briga e brigará com o Sr. Visconde de Paranaíba, e na ausencia deste com o respectivo retrato, no qual ja disparou tiros de pistola, o que se deu em Theresina, capital do Piahy.

Vindo como deputado, a primeira vez que fallou foi para brigar com os membros de fóra, como consta dos Annuaes da Camara dos deputados, parecendo-se nisso com o seu parente e comprovinciano Simplicio Coelho, que tambem a primeira vez que fallou n'aquella camara, interrompeu o seu discurso, pedindo licença ao Sr. Andrade Figueira para... ir lá fóra.

Terminada a legislatura, durate a qual brigou com o governo e com a metade da camara a proposito da questão servil, voltou a Pernambuco, onde ficou quieto durante algum tempo, graças a nomeação para o lugar de lente da Faculdade do Recife.

Ninguem mais ouviu fallar nelle, até que o governo teve a desordeira idea de nomeal-o para membro de dentro da commissão encarregada de não fazer o codigo civil.

Eil-o na corte: o seu genio, comprimido por tanto tempo no Recife, fez explosão aqui; brigou com a commissão, que não teve outro remedio senão dissolver-se; brigou no fóro com toda a gente, e até com o sollicitador Gil, com quem de pois fez as pazes, sómente com o fim de brigar com o Sr. Carlos de Laet, porque este folhetinista o censurou por ter vindo, sem ninguem o chamar, metter-se na briga Reginaldo-Abilio, pedindo com instancias ao director do collegio que brigasse, e a cacete, com o Coelhoinho, seu filho. Brigou ainda com o visconde de Jaguaray, depois de morto (!), por ja não haver entre os vivos com quem faltasse brigar! Mas... descobrindo que ainda não tinha brigado com o Sr. Pedro de Barros, eil-o a inticar com este senhor, com o unico fim de obrigar-o a brigar comsigo.

Pretende agora comprar as fazendas do Piahy; e, ou o governo não lhas vende, e elle briga ja, ou vende-as, e elle briga tambem, para que não se supponha que foi arrolhado por um membro do ministerio. E ja começou a briga, chamando o Sr. barão de Cotegipe de venerando, no Jornal, quando na ausencia o trata de macaco, e não sai da casa do Sr. João Alfredo, com quem ja brigou outrora, e a quem actualmente denomina seu venerando chefe!

O Sr. ministro da guerra, attendendo a todos estes precedentes, deve fazel-o quanto antes brigadeiro, se não quizer ter o desgosto de brigar com elle.

J. F. S.

(Da Gazeta de Noticias.)

PHENIX THERESINENSE

De ordem do Sr. Presidente d'esta sociedade convido a todos os senhores socios a comparecerem domingo (8 do corrente) no Collegio de N. S. das Dores, para a 4ª sessão ordinaria.

É orador n'este dia o Sr. Roberto Almeida que tem por these dada pela commissão de poderes—a liberdade da imprensa na provincia do Piahy. Theresina, 5 de Abril de 1888.

O 1º Secretario, Horacio Costa.

Aviso

Os abaixo assignados communicam ao publico, especialmente ao commercio, que continuam com a casa commercial representada pela extincta firma-Ignacio de Paiva & Irmão, cuja razão e responsabilidade passará a ser de ora em diante Francisco Alves de Paiva & Comp. representada pelos mesmos abaixo assignados.

Theresina, 6 de Fevereiro de 1888.

Marianna Pinto de Paiva

Francisco Alves de Paiva

GAZETILHA

TELEGRAMMAS

RIO DE JANEIRO, 12 de Março.

Consta que a escravidão va ser abolida por decreto do governo, no dia 29 de junho, anniversario natalicio da Prínceza Regente.

Rio, 15 de março.

O programma do gabinete organiado pelo conselheiro João Alfredo abrange pouco mais ou menos o seguinte:

Abolição immediata da escravidão;

Creação de bancos de emissão, tendo por base o projecto do senador Teixeira Junior;

Creação de bancos agricolas e desenvolvimento da instituição das caixas economicas;

Reforma municipal, no sentido de dar mais vida aos municipios;

Ampliamento da colonisação. —O conselheiro Antonio da Silva Prado, seguiu para S. Paulo, de onde regressará em meados de Abril.

—O conselheiro Thomaz Coelho foi para Campos afim de trazer a familia.

Regressará brevemente.

REGISTRO LOCAL

— Voltaram a esta capital os nossos prezadissimos amigos tenente coronel Leocadio Alves dos Santos, capitão Joaquim Antonio dos Santos, Joaquim Cruz, Mrs. Ricardo de Carvalho e Astrolabio Passos e Francisco de Assis Gondim, proprietario da fabrica de cigarros—S. Francisco.

—Retiraram-se desta cidade o nosso virtuoso amigo, vigario José Marques da Rocha, para S. Luiz e os nossos dedicados amigos Anthistenis Avellino, para Oeiras e Alferes Martiniano Francisco de Oliveira, para o Maranhão.

—Regressou a Oeiras a exm. sr.ª d. Anna Soares Burlamaque, digna sogra do nosso bom amigo capitão Francisco da Costa Freire.

Passamento.

Profundo e doloroso golpe acaba de receber o nosso prestimoso amigo, capitão Marianno Gil Castello Branco com o passamento de sua filhinha Cynira, victima de convulsões.

Tinha a interessante creança, meno de seus paes, 2 annos e 2 mezes de idade e foi sepultada no dia 1 do corrente.

Sentimentamos por tão infuusto passamento áquelle nosso importante amigo e a sua exm.ª esposa.

A TRIBUNA

Recebemos o agradecemos o 1º nº da «Tribuna», jornal litterario, critico e noticioso que veio subs-

tuir ao «Réverbero», propriedade do Sr. Honorato J. de Souza.

Prometta o novo lidador collocar-se na altura dos periodicos neutros e pugnar rigorosamente pela victoria da causa abolicionista.

São nossos votos que tenha o novo companheiro do lueta repetidos triumphos na arena jornalística.

Collegio de N. S. das Dores

Mudou-se o Collegio de N. S. das Dores para a rua da Gloria n. 18, esta pertencente ao nosso prestimoso amigo, major Jacob de Almendra Freitas.

Acha-se aquelle importante estabelecimento em casa que reune as melhores condições hygienicas, seja pela situação em que está collocada, seja pelas grandes accommodações, q' possui, podendo receber com vantagem cerca de 50 alumnos internos.

GERSON ANTHENOR.

Este nosso estimado e distincto amigo esteve ha poucos dias nesta capital, tendo regressado para Valença, lugar de sua residencia.

Optima viagem lhe desejamos.

AULA PRIMARIA.

Começou a funcionar no Collegio de N. S. das Dores a aula de primeiras lettras, regida por professor habilitadissimo.

A LUCTA.

Com este titulo appareceu nesta capital um periodico, redigido pelo alumno do Collegio de N. S. das Dores, propriedade e direcção do redactor desta folha.

Fallecimento

Telegramma expedido da corte pelo nosso distinctissimo amigo dr. José Faustino da Silva deu-nos a fatal noticia de haver ali succumbido, esmagado por uma carraça, o illustre sr. dr. Sesostris Silvio de Moraes Sarmiento, juiz municipal de Oeiras.

Pesamos sinceros aos nossos prezados amigos, tenente coronel José Joaquim Avellino, capitão Viriato Joaquim de Moraes, José Joaquim de Moraes Avellino, Benjamin Avellino e mais parentes do finado.

Prevenção

A pedido trancrevemos na secção competente um artigo publicado na Gazeta de Noticias sobre as fazendas nacioaes.

Está esse escripto assignado com as tres iniciaes—J. F. S., mas não é d'el'le auctor o nosso illustrado amigo dr. José Faustino da Silva, que no Paiz da corte declarou-o em abono da verdade.

Inseriremos no seguinte numero a declaração feita pelo nosso dito amigo.

DESMENIDO

O sr. Viveiros de Castro mandou publicar no Diario de Pernambuco uma correspondencia em que exalta os seus altos talentos e os do seu venerando pae, affirmando ao mesmo tempo ter feito nesta provincia uma administração energica, moralisada e fecunda em vantajosos resultados.

E' a mania desse pobre moço:—elogiar-se a si mesmo e ao non plus ultra sr. Gomes de Castro, mentindo com o maior descaramento a Deus e ao mundo.

Saiha-o o Diario de Pernambuco, saiba-o o paiz inteiro—que o sr. Viveiros de Castro foi (respigando o que já tem sido) um administrador inepto, licencioso, automato e prevaricador, sempre indigesto de bolos e quadrilhas.

E, se algum quizer a prova do que avançamos, aqui estaremos nós: para exhibil-a.

SOCIEDADE «RECREIO JUVENIL».

Esta sociedade, que funciona no Collegio de N. S. das Dores, elegeu o alumno Bernardo Fortunato dos Santos para orar no sabbado vindouro sobre a emancipação da mulher.

ESCAVAÇÕES

Uma camisa servida barbatanas de colete, um pedaço de corpete, uma saia descosida, uma gazeta passada, armiho para pó de arroz, tres meadas de retroz, uma saia feita em trapos, miolos de um travesseiro, alguns pedaços de cueiro, dezeseite guardanapos, um papel amarrotado servido n'outro mister... tudo isto foi achado na anquinha de uma mulher.

CORRE:

...que o gabinete de 11 de março exprime desforço de um ramo conservador contra outro.

...que a bandeira de governo, hasteada pelo sr. João Alfredo é-o pode e quer, atraido aos ventos pelo sr. Cotegipe.

...que Minas, Bahia e Rio Grande do Sul ficarão, como não era de costume, sem representantes no gabinete.

...que o sr. Ferreira Vianna é a negação do sr. Paulino; como o sr. Vieira da Silva do sr. G. de Castro.

Que impudencia!

O menino de palacio disse ha poucos dias:—«A Imprensa já largou-me, ainda bem; só falta o outro.»

O outro, somos nós, e nós declaramos-lhe que o facto de termos resado o de profundis á desastrada adminis-

tração de s. ex. não nos inibe de escrever-lhe o nome em typos do cisno.

Aos cobardes, áquelles que não têm o brio preciso para largar uns miseráveis setecentos e cincoenta mil reis concedidos por esmola por um inimigo franco e conhecido, o desprezo ou o vacuo.

Se o descarado pimpolho resistir ao deserto do vacuo, ha de cair fulminado pelo desprezo com que escreve lhe-emos o nome—, o miolo das gargalhadas do povo e das risotas dos rapazes.

Theatro.

Domingo, 1.º do corrente, o sr. alferes José Esteves, artista comico pr-stidigitador e sua exm.ª senhora deram espectáculo no —Theatro Concordia,—apresentando magnificos trabalhos, entre os quaes destacaram-se os de prestidigitação, que são simplesmente correctos.

O theatro esteve vazio, o que não era de suppor, em vista da grande nomeada de que vem precedido o dito artista a respeito do qual referimo-nos ao que já disse a «Lucta», periodico que principiou a ser publicado nesta capital.

Hoje á noite exhibe o sr. alferes Esteves surprehendentes trabalhos. É de esperar que o publico theresinense resgate a falta commetida, comparecendo ao espectáculo. Não se arrependará, garantimos.

PEROLAS de PEPSINA PURA DYALISADA de CHAPOTEAUT, Pharmaceutico. Foi o Sr. CHAPOTEAUT o primeiro chimico que conseguiu preparar e fornecer ao médico e aos doentes, em perolas, redondas uma pepsina pura, não contendo nem amido, nem assucar de leite, nem gelatina. Cinco vezes mais activa que a pepsina que figura na ultima edição da Pharmacoepa francesa e digere 100 vezes seu pezo de carne.

W. CADE & CO'S CHAMPANHA ESTD 1801. LIVERPOOL. PODE SE SUPPRIR EM CAIXAS OU CIGOS & C. ORDENS EXECUTADAS POR INTERMEDIO DE NEGOCIANTES EM INGLATERRA.